

**Comprometimento ético da produção jornalística e as consequências profissionais:  
saúde mental & precarização**

**Ethical compromise in journalistic production and the professional consequences:  
mental health & precariousness**

Cassiana Luiza Morilha Tozati<sup>1</sup>  
Muriel Emídio Pessoa do Amaral<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta resultados parciais que problematizam a precarização do trabalho jornalístico em um cenário que gera debilidade ética do exercício do jornalismo e agrava a saúde mental dos profissionais. O objeto empírico é uma redação paranaense em que, por meio da análise de entrevistas em profundidade, a produção se afasta do comprometimento público do jornalismo e compromete a saúde mental dos jornalistas em um contexto de precarização em que há baixa-remuneração, sobrecarga de trabalho e superprodução de notícias.

**Palavras-chave:** Exercício jornalístico; Ética jornalística; Precarização do trabalho; Saúde mental.

**Abstract:** The article presents partial results that problematize the precariousness of journalistic work in a scenario that generates ethical weakness in the exercise of journalism and aggravates the mental health of professionals. The empirical object is a newsroom in Paraná where, through the analysis of in-depth interviews, the production moves away from the public commitment of journalism and compromises the mental health of journalists in a context of precariousness in which there is low pay, work overload and overproduction of news.

**Keywords:** Journalistic practice; Journalistic ethics; Job insecurity; Mental health.

---

<sup>1</sup> Recém-graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Foi bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UEPG. E-mail: [cassianamorilha@gmail.com](mailto:cassianamorilha@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: [murielamaral@yahoo.com.br](mailto:murielamaral@yahoo.com.br)

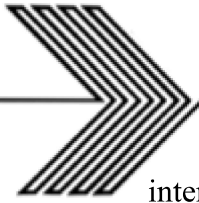


## Introdução

A pesquisa tematiza as consequências da precarização do trabalho jornalístico na saúde mental de jornalistas de um veículo paranaense e integra parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que está em fase de desenvolvimento. O jornal e os jornalistas terão os nomes preservados, pois o trabalho debate o comprometimento ético que a precarização gera e a forma com que os profissionais são afetados nesse cenário, limitando em afirmar que o veículo em tela está localizado na região do Campos Gerais, Paraná. Serão considerados sinais de precarização a baixa remuneração, superprodução, hora-extra não remunerada, sobrecarga de trabalho por equipe reduzida e consequente intensificação do trabalho (UFSC, 2021), pois afetam a saúde mental dos jornalistas que estão submetidos ao sistema. A pesquisa questiona se a perda da qualidade noticiosa por conta da superprodução e da dependência comercial do jornalismo é um fator agravante para os jornalistas.

Sendo assim, o exercício ético é debatido da perspectiva de comprometimento público do jornalismo cuja finalidade é “fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p. 31) e o conteúdo informativo, crítico e com problematização da sociedade é capaz de evitar o reforço de estereótipos. A pesquisa utiliza contribuições de Moraes (2019) para reforçar que o jornalismo deve buscar práticas alinhadas com o pluralismo e a visibilidade. Considera-se que a ética jornalística tem, e sempre teve, limitações comerciais, ideológicas, culturais e políticas para seu exercício (CORNU, 1998), porém, a precarização agrava o cenário com a dependência dos jornais aos anunciantes, apuração frágil por conta da cobrança por agilidade e equipe restrita para superprodução de notícias.

O objeto empírico é, portanto, a redação de um veículo do Paraná com produções paralelas ao site do veículo e jornal impresso. A partir dos relatos dos jornalistas participantes da pesquisa por entrevista em profundidade (DUARTE, 2006), constata-se que o conteúdo do site é composto por notícias fragilmente apuradas, superficiais, conteúdo de reprodução de outros jornais ou *releases*. Destaca-se uma característica problemática do material do site, associada ao uso da expectativa da audiência como valor-notícia (TAVARES, 2019) e a cultura do caça-clique (NGUYEN, 2016), que visa maior quantidade de acessos. O jornal utiliza do



interesse mórbido do público leitor para conseguir acessos em moldes semelhantes aos apresentados por Angrimani (1995).

No jornal impresso, mesmo sendo notícias mais longas que as do site, as relações comerciais de financiamento do jornal, mencionadas pelos participantes da pesquisa, prejudicam a produção crítica e problematizadora. Para demandas como alimentação frequente do site, produção do jornal impresso diário, produções audiovisuais para redes sociais e projetos especiais ao longo do ano, a equipe é de cinco jornalistas, além do editor-chefe e estagiários. Dessa redação, a pesquisa entrevistou quatro jornalistas atuantes no jornal, e um que atuou em anos anteriores à pesquisa, durante o período da pandemia de Covid-19.

Diante do exercício dos jornalistas da redação pesquisada, o problema discutido é se o afastamento do compromisso ético e público do jornalismo afeta a saúde mental dos jornalistas no veículo paranaense. As reflexões acerca das atividades laborais empreendidas na pesquisa contam com as contribuições de Nicoletti (2019) ao refletir sobre a atuação mais precisa no campo do jornalismo. Enquanto movimento maior, a pesquisa se ampara nas reflexões de Arendt (1989) acerca da vitória do *animal laborans*, como figura que ganha destaque no cenário universal não pela sua representatividade no espaço público ou pela ação política, mas enquanto sujeito que reconhece nas suas atividades laborais o pertencimento público e político. Assim, de acordo com Arendt, o trabalho e as atividades laborais sobressaem à ação política. Além de Arendt, a pesquisa dialoga com as contribuições de Han (2017) ao sugerir que, além da vitória do *animal laborans*, o sujeito trabalhador tem prazer e contribui de modo significativo com a exploração do trabalho e não legitima os possíveis adoecimentos que são provocados pela carga excessiva de atividades.

## 1. Procedimentos metodológicos

A pesquisa é qualitativa por trabalhar com a compreensão de subjetividades, motivações e elementos pessoais dos participantes (BAUER, 2008). O enfoque, portanto, são os jornalistas e como eles compreendem o cenário problemático debatido na pesquisa.

Os jornalistas, responsáveis pela transformação dos acontecimentos em notícias, são centrais. São eles os elementos humanos, capazes de produzir



significados a partir dos sentidos que determinados fatos lhes geram ou não; são eles os responsáveis por dar “vida” ao acontecimento pelo reconhecimento dos valores capazes de transformá-lo em notícia (VEIGA, 2012, p. 494).

A partir da identificação de lacunas de conhecimento nessa revisão bibliográfica, o material básico utilizado na pesquisa foi “ampliado através de uma boa estratégia de busca que recupere tanto textos de trabalhos teóricos quanto de outros estudos e pesquisas relacionados” (STUMPF, 2006) que, no caso, foi entrevista em profundidade por ser uma técnica dinâmica e flexível, que consegue tratar de questões íntimas do entrevistado (DUARTE, 2006, p. 64). Para refinamento dos objetivos, foi utilizada entrevista semiestruturada por promover a “exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores [...] Não há, pois, traição ao objeto de pesquisa, mas apenas evolução da intenção do pesquisador na perseguição deste objeto” (LAVILLE; DIONNE, 1999, s/p). Dessa forma, foi elaborado um roteiro com 43 perguntas, divididas em blocos. As perguntas foram impressas e entregues aos entrevistados para proporcionar maior conforto no diálogo.

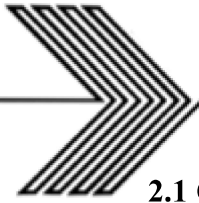
Para análise das entrevistas, a pesquisa se inspira em Kaufmann (2013). A análise busca transparecer que as frases apresentadas pelos entrevistados possibilitam interpretações e problematizações e se aproxima ao máximo da realidade que os entrevistados expõem em movimentos de compreensão das posturas adotadas. O enfoque, portanto, não é categorizar os entrevistados, quantificar suas queixas e atribuir perfis, mas é entender suas impressões da realidade em que estão inseridos (KAUFMANN, 2013).

## **2. Desenvolvimento**

Diante das entrevistas realizadas, foram identificados os principais: comprometimento público, sensacionalismo, automatização e qualidade da notícia e saúde mental. Os tópicos estão interligados em relação à precarização do trabalho, ética jornalística e saúde mental dos jornalistas. Apresenta-se resultados parciais da análise ainda em desenvolvimento na pesquisa, com relatos de quatro dos cinco jornalistas entrevistados<sup>3</sup>. Os quatro compõem a redação do jornal pesquisado.

---

<sup>3</sup> Conforme mencionado, informações sobre os entrevistados não serão revelados. Caso haja necessidade de esclarecimentos, os autores podem ser consultados.



## 2.1 Comprometimento Público

Os quatro jornalistas relataram se sentirem frustrados com o jornalismo pela perspectiva de falta de comprometimento público. Aliada a esta sensação, há a priorização aos acessos, ligada ao objetivo de gerar lucros ao jornal, pressa para publicações acompanhada de apuração frágil, falta de criticidade nas matérias por conta dessa agilidade e dependência do jornal às relações comerciais estabelecidas. Apesar de todos afirmarem que conteúdo crítico faz parte da ética jornalística, se colocam como incapazes de exercer a função principalmente por falta de tempo. O relato da entrevistada D demonstra que a preocupação com a qualidade da notícia é secundária diante da necessidade de concluir a produção nas cinco horas diárias:

Nem sempre o assunto que chega até o público é o que é realmente relevante, às vezes é o que tinha na hora pra subir no portal ou foi o material que chegou na hora pra fechar a página e eu tinha um buraco ali pra fechar. Era super importante, a população precisava saber? Não sei, mas estava dando o meu horário, eu tinha que fechar a página e era o que tinha. Subia alguma coisa (ENTREVISTADA D, 2023).

O entrevistado B não faz parte da produção para o jornal impresso, se limitando ao site, e revela como outro ponto frustrante relacionado ao tempo é a exigência por material a todo instante. “Não posso parar por uma hora, uma hora e meia para apurar uma notícia porque nesse período irá acontecer uma série de outras coisas que não podem deixar de entrar no portal”, afirma. Atrelado a isso, o jornalista questiona a qualidade do conteúdo publicado.

Eu escrevo muita matéria policial porque eu recebo os relatórios da polícia. Tem muita coisa que é relevante de fato e que precisa ser noticiada, mas tem coisas que você pensa “não faz muito sentido noticiar isso”, mas você sabe que você precisa noticiar porque aquilo vai dar engajamento. Você acaba caindo um pouco nessa armadilha aí que é necessária, é uma coisa que é inerente ao jornalismo. A gente não pode pintar o mundo de conto de fadas. A gente sabe que é assim e tá tudo bem. (ENTREVISTADO B, 2023).

O entrevistado demonstra insatisfação quanto às duas características da produção do jornal, apontadas pelos quatro jornalistas. A primeira é a estratégia comercial da cultura de caça-clique, em que o conteúdo norteador do jornal se torna aquilo que é quantificado pelas *webmétricas*. Para Nguyen (2016), “os jornalistas podem, com facilidade, cair na armadilha de ir religiosa e acriticamente com o sentimento de massa trazido pelas métricas”. Atrelado a isso,

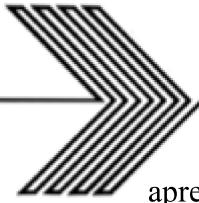


está a segunda característica do jornal de utilizar os gostos da população com valor-notícia (TAVARES, 2019). Nicoletti (2019), ao argumentar sobre as consequências da precarização do trabalho para os jornalistas e para a qualidade noticiosa, indica que na finalidade do “acesso a todo custo”, termo utilizado para caracterizar os princípios e valores do jornal pela entrevistada D, se faz presente. Na adaptação do profissional para o mercado de trabalho, o jornalista que tem seus princípios e valores estabelecidos, “deixa de ser somente produtor da informação para também incorporar o papel do comerciante e/ou estrategista” (NICOLETTI, 2020, p. 64). Sendo essa a estrutura estabelecida no contexto de precarização do trabalho em que a equipe participante da pesquisa se encontra sobrecarregada.

Além disso, os jornalistas sentem que suas produções precisam ser satisfatórias tanto para garantia do emprego quanto para a lógica social do ser humano adquirir valor a partir de sua produção (HAN, 2017). Nesse contexto, a dificuldade para exercer as práticas éticas da profissão é evidente, porém, argumenta-se que os jornalistas são responsáveis “pela proposta de uma visão crítica, assegurando uma informação respeitosa dos fatos e pessoas” (CORNU, 1998, p. 107). A pesquisa, inspirada em Cornu (1998) reconhece limitações ideológicas, políticas e financeiras do jornalismo para cumprir essas demandas, mas argumenta que entre reivindicar da informação e manter o respeito pela pessoa como objeto ético, a segunda atitude deve ser a prioridade. Essa questão é motivo de incômodo para o entrevistado A que questiona a responsabilidade do jornal em relação às notícias sobre violência que geram acesso.

Porque as pessoas, como acabam vendo muito conteúdo, vivendo muita violência, consumindo muita violência, as pessoas acabam se tornando violentas. Defendendo um modelo que diga ‘Ah! Vamos matar vagabundo’, as pessoas acham isso maravilhoso, especialmente as pessoas mais velhas. E por isso que o jornalismo humanizado faz falta sim. Isso me incomoda, me incomoda muito, porque até que ponto a gente não contribui para esse tipo de coisa? (ENTREVISTADO A, 2023).

A perspectiva de jornalismo humanizado, para o entrevistado, pode ser entendida como um jornalismo que busca ser menos desigual. Ele relata como muitas notícias são publicadas com base na versão oficial da polícia, e que se perpetua o discurso de que “a polícia está fazendo o papel dela, parabéns, mataram vagabundo...” (ENTREVISTADO A, 2023). O jornalista



apresenta preocupação com a falta de um movimento de compreensão de subjetividade, evitando a criação de hierarquias entre sujeitos (MORAES, 2019).

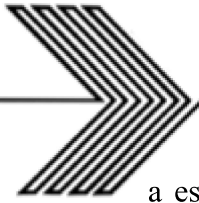
Diante do incômodo do entrevistado A, percebe-se o reconhecimento de que o jornal não está alinhado ao comprometimento público. Todos os participantes reconhecem o problema, porém, apenas o A o questiona no sentido de se preocupar com a responsabilidade do jornalismo e os outros entrevistados se mostraram resignados com a situação. O entrevistado C, por exemplo, afirma que as expectativas dele com o jornalismo eram sonhadoras por querer “mudar o mundo”, mas ele se conforma, pois “bem ou mal, já estou acostumado. Já estou há tanto tempo ali que acabei me adaptando a como funciona”.

A internalização desse contexto no dia a dia da redação torna-se natural nas lógicas das rotinas produtivas. A naturalização desse contexto, porém, é preocupante por perpetuar atitudes não alinhadas com o exercício ético do jornalismo, além de naturalizar questões que afetam a saúde mental dos jornalistas como a insatisfação com a qualidade noticiosa e a ansiedade no dia a dia da profissão, porque “o jornalismo diário é estressante mesmo” (ENTREVISTADA D, 2023).

Conclui-se que a postura de conformidade surge a partir da falta de diálogo entre os jornalistas, considerando que todos individualizam suas queixas nas entrevistas, adicionando aos relatos a frase “não sei como é para o restante da equipe”. Os sentimentos de frustração e decepção que ocorrem com o trabalho, não são manifestados em comum e cada jornalista lida com tais questões de forma solitária. Apesar de atribuírem uma convivência saudável na redação, associa-se que a liberdade que os jornalistas têm dentro da estrutura é restrita, impossibilitando o debate e possíveis mudanças a partir dele. Movimentos que proporcionam a ação política (ARENDR, 1989), portanto, não existem, e os jornalistas permanecem individualmente na busca da manutenção da vida biológica e, se existem insatisfações, cada um lida com este problema também individualmente, sem problematizar conteúdo que pode estar reforçando discursos excludentes na sociedade (CAPONI, 2014).

### **2.1.1 Sensacionalismo**

É relevante, ainda na discussão de comprometimento público, abordar o sensacionalismo. Mesmo não sendo um jornal sensacionalista, como apresenta Agrimani (1995), o entrevistado A considera o veículo como sensacionalista. O objetivo é problematizar



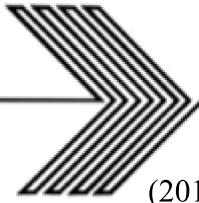
a estratégia comercial do veículo de apresentar grande parte do conteúdo sobre tragédias e violência sob o argumento de que são esses tipos de matérias que geram maior número de acessos. A estratégia foi perceptível e confirmada por todos os relatos dos participantes da pesquisa que confirmaram que é um conteúdo comum com a finalidade de acessos ou com a finalidade de serviço do jornal. Além da cultura caça-clique (NGUYEN, 2016), esse expediente faz uma proposta da profissão reavaliar a importância que é dada ao trauma pelo jornalismo (SILVA, 2017). A presente reflexão argumenta que tais estratégias podem afastar o jornalismo do comprometimento público por auxiliar na gestão de desigualdades (CAPONI, 2014). Caponi (2014) disserta sobre as práticas de biopoder, de Michel Foucault, e como se tratam de escolhas sobre quais corpos devem ser mantidos vivos e quais podem ser “deixados para morrer”. Foucault considera que a atitude de deixar morrer é uma das façanhas do biopoder por ser uma estratégia que acompanha e vigia a vida, porém desdenha na incipiência da morte, assim, os modos de construção do jornalismo criam personagens que são remetidos à morte de forma naturalizantes e normalizadora.

Quando questionado sobre a contribuição pública que conteúdos trágicos o veículo apresenta, o entrevistado B considera que esse tipo de matéria fomenta o debate. Por isso, para ele, é importante para o senso crítico da população. Ele cita um exemplo para justificar essa perspectiva, apesar de julgar a notícia como “chula” em alguns momentos.

Eu estava de plantão no sábado e recebi a informação de uma mulher decapitada, que foi encontrada a cabeça em uma vila da cidade. Você não vai se preocupar muito com quem era essa mulher. É uma informação muito relevante (...) uma morte macabra. Então, você vai se preocupar em dar informação o mais rápido possível com a maior quantidade de informações que você tem. O que eu coloco aqui é que uma matéria que parece noticiada até de uma forma chula, você falar de alguém que foi decapitado, expor a situação de uma pessoa que, de acordo com testemunhas, vivia perambulando pelas ruas, consumindo drogas. Então, você expõe a pessoa num assunto tão delicado, de uma forma que eu acho, até em alguns momentos, chula, mas, ao mesmo tempo, que você faz tudo isso, você acaba fomentando o debate. (ENTREVISTADO B, 2023).

Como as notícias de caráter macabro são publicadas de forma leviana e sem problematização, elas se aproximam do entretenimento, considerando que a finalidade delas é suprir a “curiosidade mórbida da população” (ENTREVISTADA D, 2023). Volta-se a Nguyen



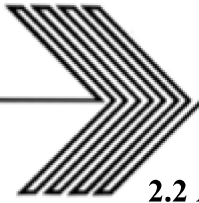


(2016), sobre o uso das *webmétricas* para determinar os conteúdos a serem publicados. O autor afirma que o jornalismo seguir de forma fiel os interesses da população pode resultar na “intensificação de um problema já perene no jornalismo: o emburrecimento das notícias, ou a tendência de deixar o noticiário, nas palavras de um jornalista britânico, ‘brilhante, vulgar e reluzente’” (NGUYEN, 2016, p. 94). Sendo assim, o jornalismo, ao se confundir com a propaganda (TÜRCKE, 2010), além de não exercer o papel de disponibilizar informações para que os cidadãos tenham autonomia, acostuma o público a não apenas consumir, mas pedir, por conteúdos cada vez menos informativo e que reforçam a realidade desigual existente (CAPONI, 2014). Essa interpretação é confirmada pelo entrevistado A.

[O público] quer ver tragédia, morte. É uma coisa meio mórbida, mas acaba que a gente acostumou o nosso público a ter isso, a ter esse tipo de gosto. Ao invés do jornalismo exercer aquela função crítica, de informar as pessoas, levar até essa questão da educação para as pessoas, acaba não levando por conta da lógica de mercado. Você acaba tendo que priorizar esses conteúdos em detrimento de coisas que são relevantes socialmente, importantes, que vão interferir na vida das pessoas, mas as pessoas não tão nem aí (ENTREVISTADO A, 2023).

O debate que o entrevistado B afirma fomentar a partir desse tipo de conteúdo, portanto, pode ser de banalização da violência, além de estereotipação de pessoas. No exemplo do entrevistado B, o conteúdo “chulo” da matéria sobre uma morte pode reforçar discursos de naturalização da violência porque a pessoa “era usuária de drogas”. Caponi (2014) indica a capacidade da mídia em contribuir para a estrutura de poder vigente e auxiliar na estrutura de exclusão de corpos considerados sem valor, a partir de tais naturalizações da violência nos discursos. Assim, o jornal é afastado do exercício ético por comprometer a integridade de vítimas e, pela fragilidade da apuração, contribui para discursos excludentes da sociedade.

Ademais, reforça-se que os jornalistas estão submetidos ao cenário de precarização de trabalho em que os jornalistas são sobrecarregados com a produção de equipe pequena e remuneração baixa. Além disso, os jornalistas relatam não terem incentivo para realizarem apurações melhores, pois não são remunerados por trabalhos extras. A pesquisa questiona a naturalização desse cenário pelos jornalistas e a automatização da produção se torna naturalizada na rotina produtiva da redação.



## 2.2 Automatização e qualidade da notícia

A postura de normalização, apesar do reconhecimento dos problemas do cenário atual, remete à sociedade de empregados de Arendt (1989) em que os membros do sistema estabelecem o funcionamento automático, abandonando sua individualidade - que poderia auxiliar na problematização do cenário-, assumindo um tipo funcional, entorpecido e “tranquilizado” de comportamento (ARENDDT, 1989, p. 400). O cenário se torna ainda mais problemático quando os jornalistas não a problematizam e se afastam cada vez mais de possíveis mudanças.

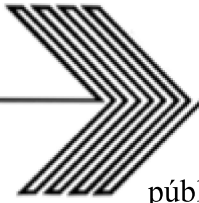
Nesse sentido, os entrevistados apresentam que a produção diária, principalmente para o site, é automática. Isso porque não são realizadas, com raras exceções, apurações fora da redação ou mais problematizadoras. O entrevistado A exemplifica como esse cenário o impacta.

O meu trabalho não é fazer o que eu aprendi, que é você apurar matérias para expor as coisas erradas [...] Então, acaba não sendo uma coisa tão crítica quanto eu gostaria que fosse [...] faço o Jornalismo, nas poucas vezes que eu tive oportunidade de fazer, e é muito legal. Mas, a grande maioria dos dias, acaba sendo meio monótono porque você não faz aquele confronto, faz matérias com uma fonte só, não tem nem tempo para entrevistar mais gente. Aí, essas coisas que foram me pegando. Nesse período que eu comecei, eu acabei ficando muito depressivo, muito triste por causa disso. Não que eu estivesse infeliz com a profissão, mas foi afetando meu psicológico pela quantidade de coisas que eu fazia, funções que eu acumulei, um pouco o automático de você comer, dormir e trabalhar, daí você não fazia nada além daquilo, e eu não conseguia sair da rotina (ENTREVISTADO A, 2023).

O entrevistado B também destaca a automatização, mas a justifica por questões de tempo e porque o público, para ele, não está interessado em consumir notícias mais completas.

Em matérias de acidente de trânsito, você vai construir a matéria com o local onde foi, se teve alguma vítima. Depois vai contar a dinâmica do acidente, se há alguma interdição no tráfego, para onde as vítimas foram encaminhadas. Então, assim, você já tem mais ou menos na cabeça. Não dá para ‘agora eu vou trabalhar isso aqui de uma forma mais completa’. Não tem tempo pra isso. E teu leitor também não quer isso. A gente quer brigar por isso e o leitor não quer isso (ENTREVISTADO B, 2023).

Todos os jornalistas apresentam frustração semelhante em relação ao público. Isso está relacionado à queixa dos profissionais sobre a necessidade de obedecer aos interesses do

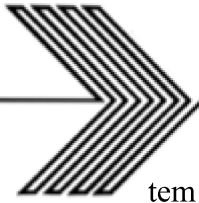


público para a produção (TAVARES, 2019). O entrevistado A relata um exemplo de quando fez uma matéria, descrita por ele como bem apurada, que lhe deu orgulho de publicar, mas que teve pouca repercussão. Ele sinaliza a ocasião como uma das raras que conseguiu fazer matérias, também definida por ele, como “jornalísticas mesmo, boas, com triangulação de fontes”. Ele relata que pela falta de incentivo do jornal, pois a prioridade é o acesso, e pela falta de tempo, ele internalizou essa forma. “Como a rotina vai cansando o teu cérebro, seu cérebro fica no automático e você vai levando a tua vida” (ENTREVISTADO A, 2023).

Percebe-se implicações da precarização do trabalho no sentido de que o tempo a ser dedicado para as produções deve ser o mínimo possível, considerando o excesso de tarefas a serem cumpridas no dia e falta de equipe. Destaca-se que, nessa produção automática e apressada, os jornalistas relatam a presença de muitos erros na produção, “uma vez que a prioridade não é apurar com rigor ou revisar e sim publicar” (SILVA; PEREIRA; RIBEIRO, 2013, p.64). Apesar de todos reconhecerem que esse cenário prejudica a qualidade noticiosa, relatam o sentimento de impotência. Identifica-se essa forma de produção relacionada ao sistema de precarização do trabalho e, além disso, os jornalistas justificam que o público não consome notícias mais completas. Diante disso, eles não têm tempo para produzirem matérias aprofundadas e críticas e não se sentem motivados diante da falta de reconhecimento público.

Dessa forma, o entrevistado A relata que sente essa forma de produção o afetar com preocupação, mas que internalizou o funcionamento do sistema. Os outros três jornalistas também reconhecem os problemas dessa produção, porém, não se dizem afetados mentalmente. Destaca-se que internalizaram a estrutura de tal forma que a naturalizam ao justificarem que há o contexto de precarização e culpabilizam o público. Apesar de reconhecerem não ser uma produção alinhada eticamente com o comprometimento público, a própria estrutura problemática justifica a produção deles e, portanto, afirmam não serem afetados por ela.

Os jornalistas estão submetidos à estrutura que dialoga com Arendt (1989) ao explicar que o trabalho é compreendido como forma de existência metabólica. Para a autora, a reconfiguração moderna faz acreditar que a imortalidade da vida individual enfraqueça e o único elemento imortal se torna a espécie humana, e os sujeitos garantem isso por meio do trabalho. Sendo assim, a postura de aceitação dos jornalistas é coerente com essa estrutura que



tem o trabalho como forma de garantir a manutenção da vida e, apesar de insatisfeitos, não se posicionarem por mudanças e a forma que cada um lida com a estrutura é individual e solitária.

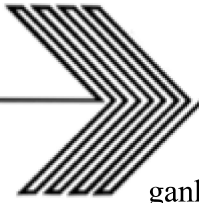
### 2.3 Saúde Mental

A saúde mental dos jornalistas frente à produção noticiosa do veículo será debatida com base em queixas apresentadas sobre pressões, cobranças excessivas, muitas demandas, baixa remuneração e qualidade da notícia associada à debilidade ética na produção. A análise sinaliza problemas que interferem na saúde mental dos jornalistas, gerando insatisfações com o trabalho e no alinhamento do jornalismo ao compromisso público da profissão. Sintomas circunscritos ao sistema da precarização do trabalho (NICOLETTI, 2019) e ao contexto social debatido com Arendt (1989), com o conceito do *animal laborans*, e Han (2017) que apresenta como o valor das pessoas é medido a partir da capacidade de produzir.

Em relação ao ambiente de redação, o entrevistado B relata ser ruim são dois fatores: insegurança e pressão. Ele aborda a insegurança sentida em outro emprego, relacionada a “achar que você pode ser demitido a qualquer momento, achar que o que você está fazendo é errado e que alguém vai te cobrar a qualquer momento por isso” (ENTREVISTADO B, 2023). Apesar de afirmar que não é o que acontece no emprego atual, seu relato apresenta contradição com essa afirmativa ao abordar a pressão excessiva no veículo, que gera insegurança que ele associa ao outro emprego.

Eu acho que a gente se sentiu em alguns momentos excessivamente pressionados. E gera a insegurança que eu citei antes. Porque você fala ‘eu estou muito pressionado, não vou dar conta dessa pressão’ e eu passo a ficar inseguro. Fico inseguro, já não estou conseguindo fazer o que acham que eu tenho que fazer, e me sentindo inseguro e pressionado, vou fazer menos ainda (ENTREVISTADO B, 2023).

Nicoletti (2019), ao abordar como a precarização afeta a qualidade noticiosa, expõe que um dos pilares da satisfação com o trabalho é a autoestima. A pressão excessiva afeta a autoestima do jornalista que passa a sentir insegurança sobre sua produção. Com isso, a moral estabelecida (CAPONI, 2014) no trabalho por meio do poder da direção domina a subjetividade do jornalista e retira sua liberdade para questionar a estrutura. Por isso, ele se adapta, mesmo em desacordo com as pressões, porque, como pontua o jornalista A, “é preciso pagar as contas,



ganhar dinheiro, ter uma vida”. A insegurança que afeta os dois jornalistas, A e B, advém do reconhecimento de que, com a precarização do trabalho, encontrar outro emprego pode não ser possível, e a incerteza de que a produção realizada é insatisfatória prejudica autoestima e consequentemente a qualidade da produção.

Associada à cobrança excessiva relatada pelos profissionais, está a queixa sobre assédio moral entre direção e jornalistas. Sobre a cobertura de um acontecimento, eles relatam um episódio em que não havia jornalista de plantão, sendo assim, não houve irresponsabilidade da equipe, mas falta de organização do RH do jornal, pois ninguém havia sido designado a publicar matérias fora do horário de trabalho. A cobrança, por parte da direção, foi relacionada ao fato de outros jornais/pessoas terem noticiado o acontecimento e o veículo em tela, não.

Porque nós não fizemos e outros portais sim, cobraram que nós ficamos atrás. Gerou uma cobrança totalmente desproporcional, sendo que era uma coisa que não tinha a ver com o fato de que ninguém queria produzir ou falta de vontade. Foi uma situação que ficou em branco, não ficou definido quem é que faria isso, de que forma faria isso, se ia compensar depois, se ia receber por hora extra, ninguém tomou a frente daquilo para resolver. Um problema da direção de cobrança desnecessária, assédio moral, daquela mensagem que você recebe e sabe que é “indiretinha” (ENTREVISTADO B, 2023).

O entrevistado B relata sua insatisfação com a atitude da direção após o ocorrido, considerando que os jornalistas não recebem hora-extra pelo trabalho. O entrevistado A também relata as consequências desproporcionais após esse ocorrido.

Eles tiraram nossas férias depois. Simplesmente mandaram um aviso pelo *whats*, o editor-chefe falou ‘ó gente, me comunicaram aqui que vocês não vão mais ter folga no final de semana’. Coisa absurda, não teve comunicação nenhuma, o nosso RH lá é inexistente. A pessoa que cuida do RH, eu cuido para não ofender ela, mas é muito devagar, totalmente conivente com o patrão. Se você falar qualquer coisa, ou você é mandado embora ou sei lá. Nunca reclamei para saber (ENTREVISTADO A, 2023).

Os relatos demonstram que a falta de autonomia dos jornalistas está relacionada ao conteúdo que irão produzir e aos direitos trabalhistas. A liberdade que sentem para questionar a estrutura, como demonstrado no relato do entrevistado A, é praticamente inexistente, pois há o risco de aqueles que questionam o sistema de poder estabelecido, interferindo na normalidade



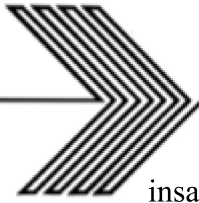
estabelecida, sejam excluídos (CAPONI, 2014). Sendo assim, está intrínseco às atividades dos jornalistas entrevistados que devem ser produtivos, pois o valor deles dentro da empresa é proporcional a essa produção (HAN, 2017) e a qualquer desvio desta lógica, existem punições.

Desta forma, a pressão a que os jornalistas estão submetidos durante o horário de trabalho é exaustiva, ficando claro o porquê de todos afirmarem que para manterem a saúde mental mantêm distância daquilo que lembra o trabalho: não ver jornal, não pensar em pauta, não pensar nas reportagens a serem desenvolvidas, sair com pessoas de fora da equipe do trabalho, praticar esportes e dedicar tempo para si são técnicas apresentadas pelos entrevistados para manutenção da saúde mental. As atitudes refletem quase repulsa ao trabalho, associando-se à finalidade de manutenção da vida biológica e não à artificialização do mundo, como aponta Arendt (1989). Além disso, não há assistência do veículo em oferecer acompanhamento psicológico ou iniciativas semelhantes e a procura por auxílio profissional é realizada por iniciativa do próprio jornalista.

Sobre o exercício da ética, todos os participantes da pesquisa relataram que, para manterem as práticas éticas, realizam atividades individuais que buscam garantir a aproximação do comprometimento público. “O que eu posso fazer dentro da minha capacidade como jornalista para minimizar isso, eu faço. Eu não subo matéria igual o meu editor chefe, que sobe umas matérias com títulos absurdos só para chamar *like*. Eu não faço isso, mesmo que eu não tô no plantão, eu faço as coisas do jeito certo” (ENTREVISTADO A, 2023).

A busca por realizar a prática “do jeito certo” é a forma que encontram de preservar a saúde mental sem serem afetados pelo sofrimento ético (LELO, 2019). A atitude reflete preocupação ética, pois os jornalistas reconhecem que poderiam ser afetados ao desviarem ainda mais do compromisso público. Essa postura foi identificada em todos os relatos, mesmo daqueles que dizem não serem afetados pela qualidade da produção, como os jornalistas B e D. Identifica-se que os próprios jornalistas não identificam o desgaste emocional que o trabalho gera por serem obrigados se adaptam e se conformar com a estrutura, pois, de acordo com o entrevistado A, não conseguiriam emprego melhor do que no veículo considerando que o veículo paga o piso salarial do jornalista e que vagas em redações, no contexto de precarização do trabalho, são restritas.

Outro fator que indica que os jornalistas são afetados pela produção do veículo, com debilidade ética, com a naturalização do cenário, é a busca por equilíbrio entre as satisfações e



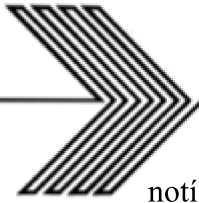
insatisfações. Todos os entrevistados relataram que a produção diária é automática e insatisfatória, mas que em alguns momentos é possível realizar uma matéria ou outra que gere gratificação. O entrevistado B fala sobre esse aspecto ao imaginar uma balança, em que a parte gratificante da produção pesa mais do que as decepções, apesar da gratificação ser rara.

Eu acho que a gente tem a oportunidade muitas vezes de contar boas histórias e isso acaba passando por cima de todo o resto que a gente tá falando aqui. Fazer uma matéria que você ajuda uma pessoa, propondo uma campanha ou até mesmo um assunto mais relevante, isso dá um orgulho. Passa por cima de todo esse resto, porque se você consegue transformar a vida de uma pessoa por conta de um material que você fez. Esse é o papel do jornalismo, fazer diferença na vida das pessoas. Acho que essa essa balança ela sempre acaba se equilibrando (ENTREVISTADO B, 2023).

O relato, que pode ser atribuído aos outros jornalistas que apresentaram discurso semelhante, mostra que todos interiorizam o conceito do jornalismo alinhado ao comprometimento público à população. Apresentam que a ética deontológica, executada sem objetivos, salvo em si mesma (CORNU, 1998), é como enxergam a profissão, pois ela seria um meio de auxiliar pessoas. Constata-se isso a partir dos julgamentos deles sobre a busca por acessos ao jornal, visando lucro a todo momento. Com isso, a postura que são obrigados a adotar os incomodam, mas, como conta o entrevistado B, a parte gratificante do trabalho, com matérias que visem a autonomia da população (KOVACH E ROSENSTIEL, 2003) consegue “maquiar” a insatisfação. A saúde mental, dessa forma, depende da constante avaliação dessa balança imaginária. A atitude não comprova que há saúde mental no ambiente de trabalho e com a produção noticiosa, pelo contrário, mostra que há fuga desta avaliação porque os jornalistas não encontram outra opção senão se conformar para manterem o emprego.

### **Considerações finais**

A pesquisa ainda está em desenvolvimento e traz resultados parciais, porém ilustrativos quanto à rotina e modo de atuação de uma redação de um veículo de comunicação. A partir da investigação proposta, é possível descortinar condições precárias que prejudicam tanto a produção noticiosa quanto a saúde mental dos profissionais. A necessidade imposta pelo jornal enquanto empresa sobre o ineditismo e constante luta contra o tempo interfere na qualidade da



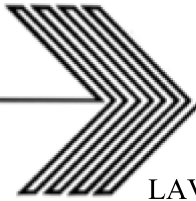
notícia em deixar lacunas no processo de apuração. Conforme sinalizado pelos entrevistados, há dificuldade de aprofundamento na coleta de informações, bem como refinamento da apuração realizada. Essa situação desenvolve a sentimentos de insatisfação, desânimo e até mesmo de descrença no papel social do jornalismo como dispositivo para a construção da democracia a comunicação.

Para além dessa condição, pelos discursos dos participantes da pesquisa, torna-se visível a prioridade, além do ineditismo, acontecimentos que associados ao sensacionalismo. Ocorrências de acidentes e assassinatos, por exemplo, mesmo que não exponham os corpos flagelados, há dedicação maior a esses temas por conta dos afetos que possam suscitar e também pelo efeito propulsor de audiência. Conforme apresentada na pesquisa, a produção desses conteúdos promove maior engajamento e audiência nos conteúdos e, por consequência, desenvolve maior interesse na visibilidade do portal, o que favorece a atenção de anunciantes para publicidade. Assim, a relação entre publicidade e conteúdo jornalístico se mescla, o que afeta a independência dos profissionais quanto aos modos de produção e os temas apurados. A pesquisa pretende se alongar em trazer mais informações quanto à redação do veículo analisado e, como próximo passo, investigar as relações produtivas em outros meios de comunicação.

## Referências

- ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.
- ARENDDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-36.
- CAPONI, S. Viver e deixar morrer: biopolítica, risco e gestão das desigualdades. **Revista Redbioética/Unesco**, Montevideu, v. 2, n. 10, p. 27-37, 2014.
- CORNU, Daniel. **Ética da informação**. Bauru: Edusc, 1998.
- DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006, p. 32-83.
- HAN, B.C. **Sociedade do Cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- KAUFMANN, J. C. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.
- KOVACK, B.; ROSENSTIEL, T. **Os Elementos do Jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.





LAVILLE, C. DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** 1999.

LELO, T. V. **Reestruturas Produtivas no Mundo do Trabalho dos Jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

LIMA, S. P.; NICOLETTI, J.; MICK, J. (org.). **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho.** 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2021.

MORAES, F. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204 – 219, 2019.

NGUYEN, A. O Julgamento das Notícias na cultura “caça-clique”: o impacto das métricas sobre o jornalismo e sobre os jornalistas. **Parágrafo**, v. 4, n. 2, 2016.

NICOLETTI, J. **Precarização e qualidade no jornalismo: condições de trabalho e seus impactos na notícia**, v. 17. Florianópolis. Editora Insular, 2020.

NICOLETTI, J. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise.** Tese (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SILVA, J. A. B.; SOUSA, M. de L. P.; RIBEIRO, R. S. Convergência profissional: estudo de caso das transformações no perfil do jornalista. **Brazilian Journalism Research**, v. 9, n. 2, p. 50-67, 2013.

SILVA, L. M. da. O jornalismo de trauma e o trauma do jornalismo. **Panorama**, v. 7, n. 1, 2017.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. *In.*: DUARTE, J; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.

TAVARES, C. Q. A “Expectativa de Audiência” como valor-notícia: uma análise a partir da experiência dos jornalistas da Gazeta do Povo. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, n. 26, v. 3, p. 1145-1155, 2019.

TÜRCKE, C. **Sociedade Excitada: filosofia da sensação.** Trad. A. Zuin, F. Durão; F. Fontanella; M. Frungillo. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

VEIGA, M. Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 9 n. 2, p. 490-504, 2012.